



Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro

#### Fontes bibliográficas:

- <sup>1</sup> SILVA, Jaqueline Fernandes – **A imagem do suicídio nos versos de Mário de Sá-Carneiro** [Em linha]. São Paulo: Universidade, 2011. Dissertação de Mestrado. [Consult. 18 abr. 2016]. Disponível na Internet:< [www.teses.usp.br/teses/.../8/.../2011\\_JaquelineFernandesdaSilva\\_Vorig.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/.../8/.../2011_JaquelineFernandesdaSilva_Vorig.pdf)>
- <sup>2</sup> MARTINS, Guilherme d'Oliveira – Mário de Sá-Carneiro, cem anos depois. *As Artes entre as Letras*. Rio Tinto: Seletor, 2009-. N.º 168 (13 abr. 2016), p. 3
- <sup>3</sup> QUEIRÓS, Luís Miguel – O suicida accidental. *Público* [Em linha]. (2015). [Consult. 19 abr. 2016]. Disponível na Internet:< <https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/o-suicida-acidental-1717972>>
- <sup>4</sup> FIGUEIREDO, João Pinto – **A morte de Mário de Sá-Carneiro**. Lisboa: Dom Quixote, 1983. p. 19
- <sup>5</sup> CARRIÇO, Alexandra Matos A. – **A depressão e a reparação em Mário de Sá-Carneiro** [Em linha]. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 2012. Dissertação de Mestrado. [Consult. 15 abr. 2016]. Disponível na Internet:< <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2254/1/11730.pdf>>
- <sup>6</sup> FIGUEIREDO, João Pinto – **A morte de Mário de Sá-Carneiro**. Lisboa: Dom Quixote, 1983. p. 128
- <sup>7</sup> Idem, p. 130
- <sup>8</sup> Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. [Consult. 19 abr. 2016]. Disponível na Internet:<[http://www.infopedia.pt/\\$orpheu](http://www.infopedia.pt/$orpheu)>
- <sup>9</sup> PEREZ, Luana Castro Alves – Mário de Sá-Carneiro. *Mundo Educação* [Em linha]. [Consult. 18 abr. 2016]. Disponível na Internet:< <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/literatura/mario-sacarneiro.htm>>
- <sup>10</sup> FIGUEIREDO, João Pinto – **A morte de Mário de Sá-Carneiro**. Lisboa: Dom Quixote, 1983. p. 211-213
- <sup>11</sup> Idem, p. 224

## BIBLIOTECA MUNICIPAL DE PONTE DE LIMA



### BIBLIOTECA MUNICIPAL DE PONTE DE LIMA

Largo da Picota  
4990-090 Ponte de Lima

Tel: (+351) 258 900 411  
Fax: (+351) 258 900 410  
E-mail: [biblioteca@cm-pontedelima.pt](mailto:biblioteca@cm-pontedelima.pt)  
[www.biblioteca.cm-pontedelima.pt/](http://www.biblioteca.cm-pontedelima.pt/)  
[facebook.com/BibliotecaMunicipalPontedeLima](https://facebook.com/BibliotecaMunicipalPontedeLima)



## Mário de Sá-Carneiro

(1916-2016)

1.º Centenário da Morte

*Estou só – dos outros – só de mim para sempre.<sup>1</sup>*



Pessoa chamou-lhe “um génio na arte”<sup>2</sup>. O mundo conhece-o como o poeta melancólico, o escritor angustiado e o homem solitário. Mário de Sá-Carneiro teve uma infância de privação afetiva, uma adolescência inadaptada e uma conturbada idade adulta. Ainda assim escreveu proficuamente e é considerado um dos nomes maiores do Modernismo português. Perdido dentro de si, num labirinto confuso de emoções, Mário de Sá-Carneiro suicida-se num hotel de Paris – há muito o seu “endereço espiritual”<sup>3</sup> – com apenas 26 anos. Antes, numa carta em que a morte jaz anunciada, o malogrado poeta explica a Pessoa - amigo de longa data e por quem tem devota amizade - que já dera o que tinha a dar na vida, não valendo portanto a pena lastimar o seu destino. Cumprira-se.

**1890** Lisboa, ano do Ultimato inglês, início do reinado de D. Carlos I. É neste cenário que nasce, a 19 de maio, Mário de Sá-Carneiro, filho do engenheiro Carlos Augusto de Sá Carneiro e de Águeda Maria de Sousa Peres Murinello de Sá-Carneiro, prematuramente falecida, tem o pequeno dois anos. Um trágico acontecimento que marcará profundamente a personalidade e o percurso profissional do futuro poeta que um dia escreve: “*pobres crianças que não conhecem a mãe: a sua vida é toda uma desolação, privada de carinhos, de afagos, de bons exemplos*”<sup>4</sup>. Assim parece ter sido. Criado por uma ama e duas empregadas, Mário cresceu numa redoma de exagerado protecionismo, num ambiente em que a ausência de afeto se compensava pela satisfação material de todos os caprichos. Alheado da realidade, incapaz de socializar, assim é Mário criança. Na solidão encontra a escrita. Aos 12 anos redige poesia. No liceu descobre o gosto pelo teatro e compõe a peça *O vencido*, que retrata a tentativa de superação da perda de um filho pela fé. Em finais de 1906, entra num grupo de amadores de arte dramática, onde colabora enquanto escritor e, pontualmente, como ator.



**1908** Publica na revista *Azulejos* a poesia *Monólogo à força* e o conto *O caixão* - novas composições, a mesma obsessão temática pela morte. Em 1909, na companhia do seu melhor amigo, Tomás Cabreira Júnior - com quem partilha a orfandade e a infância entre criados, mas também o amor pela ficção - escreve a peça *Amizade*. Dois anos depois, é tempo do segundo momento trágico-marcante na vida de Mário de Sá-Carneiro: a morte autoinfligida de Tomás com um tiro na cabeça, no intervalo das aulas, no Liceu Camões. O inesperado desfecho a que todos assistem, professores e discípulos, impressiona-o sobejamente. Este suicídio-espetáculo – patente num poema que Mário dedica ao amigo – parece, à época, não lhe agradar na forma, muito embora acabe, ele próprio, por teatralizar o seu fim.

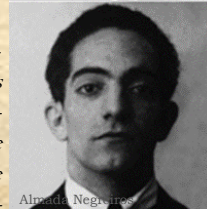
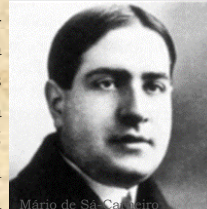
**1911** Apesar de pertencer a uma família de tradição militar, Mário de Sá-Carneiro matricula-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.



Cedo se desilude, confessando ao pai que os assuntos legais “*são a coisa mais horrorosamente árida com que nunca [se conseguirá] identificar*”<sup>5</sup>. Mas o seu descontentamento não se esgota nas matérias lecionadas – a própria cidade desagrada-lhe. “*Estou muito animado... Encontrei poesia nesta terra. (...) A toda a hora do dia – mas sobretudo de manhã – o movimento das ruas é enorme: os nossos irmãos – os porcos – caminham para o mercado gentilmente*”<sup>6</sup>, sustenta com ironia. Regressa a Lisboa, conhece Fernando

Pessoa e, em 1912, ingressa na Universidade de Paris, curiosamente no mesmo curso que um ano antes abandonara e que nunca chegará a concluir. Nesse período publica a peça teatral *Amizade* e a compilação de contos *Princípio*.

**1913** Totalmente desinteressado pelos assuntos académicos – “*É de estremecer um Código Civil*”, dizia – dedica-se à vida boémia de cafés e de salas de espetáculo. Mas o eclodir do primeiro conflito bélico à escala mundial, em 1914, força a sua saída de Paris e o inevitável regresso a Lisboa. Aqui apresenta a novela *A confissão de Lúcio*, lança a poesia *Dispersão* e, em parceria com Almada Negreiros e Fernando Pessoa, edita, em 1915, a revista *Orpheu*. Os dois primeiros números são exclusivamente financiados pelo pai de Mário de Sá-Carneiro, ficando o terceiro cancelado por falta de verbas. Apesar disso, a publicação – apelidada por Pessoa de “*a soma e a síntese de todos os movimentos literários modernos*”<sup>8</sup> – constitui um marco decisivo na paisagem cultural do país. O duro golpe de cancelamento do projeto editorial desespera Mário de Sá-Carneiro que, entediado pela rotina de Lisboa, retorna à capital francesa ainda com a guerra em curso. Mas Paris está naturalmente diferente, devastada e moribunda e já muito pouco o estimula. Ainda assim, nesse ano de 1915 sai o volume de novelas *Céu em fogo*, título que gera um certo escândalo e que apresenta o suicídio como única solução possível. Está próximo o fim. Numa carta de 31 de março remetida a Pessoa, com quem há muito se corresponde, o poeta escreve: “*Meu querido amigo. A menos dum milagre na próxima 2.ª feira, 3 (ou mesmo na véspera), o seu Mário de Sá-Carneiro tomará uma forte dose de estricnina e desaparecerá desde mundo. (...) Não me mato por coisa nenhuma: eu mato-me porque me coloquei pelas circunstâncias – ou melhor: fui colocado por elas, numa áurea temeridade – numa situação para a qual, a meus olhos, não há outra saída. Antes assim (...)*”<sup>9</sup>. Durante certo tempo, a correspondência sorumbática e fatalista mantém-se até que, subitamente, se interrompe a 18 de abril. No entanto, entre a derradeira epístola e a fatídica data de suicídio do poeta existe um intervalo de uma



semana, nada se conhecendo acerca do referido período. É apenas na véspera da sua prematura morte que voltamos a ter notícias de Mário de Sá-Carneiro. Sabe-se, pois, que, no fim de tarde de 25, visita o comerciante português, José Baptista d’Araújo - com quem se acamaradara - e convida-o a comparecer, no dia seguinte, “às oito em ponto”<sup>10</sup> no Hotel Nice, onde se aloja. O negociante aceita a medo, pois estranha o gesto, e à hora marcada bate à porta. Não ouvindo retorno abre e depara-se com o poeta estendido sobre a cama envergando um elegante smoking. Ainda fala. Diz -lhe que acaba de ingerir cinco frascos de arseniato de estricnina e pede-lhe para que ali se mantenha. Estarrecido, em compreensível pânico, o comerciante corre escada fora em busca de auxílio, mas quando regressa, o poeta já agoniza, acabando por falecer. Só... como sempre estivera.



O desaparecimento do escritor português não tem qualquer repercussão em Paris e, na sua terra de origem, os jornais dedicam-lhe breves notas que se esfumam em poucas horas de conversa de café. Em contraste com a indiferença generalizada, Pessoa sofre e recorda o amigo poeta, por vezes com uma saudade dilacerante. E também ele, próximo do fim, regista o que sente, em verso, para a posteridade:

*Ah, meu maior amigo, nunca mais  
Na paisagem sepulta desta vida  
Encontrarei uma alma tão querida  
As coisas que em meu ser são as reais.  
Não mais, não mais, e desde que saíste  
Desta prisão fechada que é o mundo,  
Meu coração é inerte e infecundo  
E o que eu sou é um sonho que está triste.*<sup>11</sup>

\* Com edição póstuma saem a poesia *Indícios de ouro* (1937) e a obra epistolar, em dois volumes, *Cartas a Fernando Pessoa* (1958-1959), esta última disponível na Biblioteca Municipal de Ponte de Lima.